

A palavra por_vir

Adriana María Pontelli¹

Trata-se de chegar de novo, graças à falha, até a beira da linguagem.

Pascal Quignard

Escrever em tempo de pandemia acerca de "a palavra por vir" provocou um movimento e, ao mesmo tempo, a atitude de espera necessária para dar lugar a seu advento, precisamente quando, atravessada pelas circunstâncias, me era difícil achar palavras, até mesmo em meu falar cotidiano.

Nesta oportunidade "tomo a palavra", e ao fazer isso vêm a mim diferentes formas em que essa ferramenta fundamental da análise apareceu em minha experiência clínica durante este tempo. Intentei várias maneiras de abordagem, mas não achei nenhuma que não me levasse finalmente a focalizar nesse elemento singular, invisível e fugaz da análise. Essa perspectiva um tanto microscópica contrasta com aqueles olhares mais largos, especialmente se considerarmos o alcance global e as múltiplas consequências desta crise sanitária. Provavelmente a abordagem que apresento seja um dos tantos efeitos do confinamento. De qualquer maneira, estas ínfimas amostras da prática me permitem repensar a especificidade da palavra que só pode advir em um espaço favorecido por essa escuta particular que é a escuta analítica.

O isolamento obrigatório provocou de repente a interrupção dos tratamentos presenciais e a irrupção do desconcerto. Ficou como opção o trabalho por via remota, e em geral os psicanalistas assumimos o desafio de nos adaptar aos acontecimentos. Não houve grandes dificuldades para quem já realizavam o ofício por telefone ou videochamada; outros, porém, continuam

¹Licenciada em Letras Clássicas, Licenciada em Psicologia, Mestre em Psicologia Clínica, Psicanalista, Membro Aderente da Asociación Psicoanalítica de Córdoba (Argentina). Email: adrianapontelli@gmail.com

argumentando que a atenção virtual é transitória, porque a psicanálise pura tem que ser entre dois corpos, visto que a presença real do analista, encarnada ali, é fundamental (Goldenberg 2020). Pessoalmente me perguntei como funcionariam os fenômenos da transferência à distância, quanto poderia representar a perda da dimensão vital da presença corporal e que repercussão teria a interrupção repentina da sessão por problemas técnicos, a transformação da imagem do outro em uma figura congelada ou pixelada, a voz metálica ou entrecortada por dificuldades de conexão. Certamente esse tipo de interferências externas, assim como acontece na presencialidade, pode ser incorporado como material de análise, dependendo dos efeitos em cada paciente. Considero que a palavra falada, inclusive por telefone ou videochamada, sustentou de alguma maneira a presença por intermédio da voz, com sua articulação de sons, entonação, timbre e fluência. Também acredito que, diante da falta de um lugar concreto para o encontro analítico, foi o tempo que possibilitou que esse se realizasse, acontecesse. Em algumas ocasiões, o momento da sessão marcava um transcorrer detido pela perda da rotina diária e, em muitos casos, oferecia um porto para a palavra íntima ameaçada pelo confinamento e pela convivência forçada.

A palavra por vir me serviu de motor de escuta, para esperá-la cada vez, no meio de minha própria incerteza. E talvez por isso, a palavra chegou para cada qual à sua maneira.

Nas primeiras semanas do confinamento um paciente se mostrou muito disposto para continuar as sessões por telefone. Foi curioso, porém, seu laconismo, que atribuí ao incômodo pela nova modalidade. Como sua angústia ia crescendo, tanto quanto seu mutismo, apelei às palavras como andaimes para reconstruir um espaço de escuta. E entre elas apareceu uma que evidenciou a ausência de palavra para nomear a "perplexidade." A palavra vinda do Outro pode operar como proteção diante do real. Néstor Braustein (2001) em "Unrecuerdo infantil de Julio Cortázar" comenta a vivência assustadora do célebre escritor ao escutar, sendo ele muito pequeno, o canto de um galo debaixo de sua janela. O desconhecimento e a falta de uma palavra

para essa experiência – vazio de nomenclatura, em palavras de Cortázar – provocou um pânico tal que só pôde ser mitigado com as palavras da sua mãe.

Foi insólito para mim realizar uma consulta por meio de áudios de WhatsApp. Lembro que no começo achava impossível gerar um espaço de escuta dessa maneira. Produzia em mim certa inquietude o tempo diferido entre o falar (gravando) e o escutar (reproduzindo), além da possibilidade de a mensagem ser apagada antes de ser enviada. E embora tenha me questionado sobre a permanência desses registros materiais da voz, essa troca semanal de palavras com uma pessoa sumida em uma profunda melancolia lhe serviu como "corda", na qual se segurou durante esses meses. Vem à minha mente o relato de Freud onde um menino com medo da escuridão pede à sua tia de falar com ele, e insiste dizendo: "Há mais luz quando alguém fala" (Freud, 1917/1994, pág. 371). O medo à escuridão e à solidão persiste toda a vida e remete à nostalgia de quem ofereceu os primeiros cuidados. "Há mais luz quando alguém fala". Esta sinestesia marca uma passagem de uma percepção sensorial para outra. A voz se torna olhar, olhar do Outro primordial, que nesse caso fez possível enquadrar o dispositivo (Hartmann 2015).

Outro paciente decidiu suspender o tratamento e retomá-lo quando esse fosse possível no modo presencial. No curso da quarentena perdeu seu trabalho. Quando conseguiu outro com melhor remuneração, solicitou fazer as sessões por telefone, porque inexplicavelmente isso lhe provocava uma "angústia fantasma" que só poderia ser falada em suas sessões. A descoberta dessas palavras o moveu para esse espaço singular que é a sua análise.

Depois de muitos anos de análise, uma paciente descobriu que esta modalidade a distância lhe permitiu dizer coisas impensadas, sem a intimidação que os corpos – o próprio e o do Outro – geram nela. Proliferaram nas sessões relatos de sonhos sem muito véu. Mas a novidade maior foi o aparecimento de inéditos silêncios. A verborragia incontível e habitual começou a ceder. Enquanto falava sobre um problema de saúde cometeu um ato falho, disse uma palavra por outra, ficou desconcertada. Depois de um silêncio tentou corrigir e pronunciou uma palavra nova, inexistente, muto semelhante à palavra

procurada, exceto por uma letra. Esse neologismo, invenção espontânea, provocou assombro, alguma conexão com um fragmento de sua história. Sem entender de que se tratava, sentiu a certeza de estar em um lugar pela primeira vez. No marco de uma análise há momentos em que as palavras param: aparece ou um silêncio do silenciado ou um silêncio do silencioso, em termos de Santiago Kovadloff (2011). Ele afirma que às vezes se apresenta um silêncio encobridor, resistencial, de uma palavra implícita que remete ao velado; e em outras ocasiões irrompe um silêncio descobridor do indizível, do inominável, que não acha espaço nas palavras, porque sua índole não é compatível com elas. O psicanalista silencia para que o analisando escute e reconheçasseu próprio silêncio na mise-en-scènesse silêncio encarnado. E em um momento fugaz advém a palavra, com sua diferença literal e sonora, audível por uma escuta analítica que capta consonâncias no escorregão de um enunciado, ressonâncias no modo de articulação fonológica, aparecimento reiterado de grupo de fonemas, que Jacques-Alain Miller chamou “inanidades sonoras”, tomando uma expressão de Stéphane Mallarmé (2012). tocar a palavra ali, tocar essa matéria verbal transforma o mal-entendido em produtividade, em uma experiência significativa de geração de sentido. Essa palavra em singular, particular de cada sujeito, não é dada. Gesta-se na experiência analítica. Nascida do silêncio, em um momento efêmero e preciso dá à luz e dá luz à verdade de cada sujeito. Nascida do silêncio, suporta o peso do mudo, porque, embora seja dita, deixa um resto indizível.

A palavra por_vir... Esse espaço sublinhado, vazio que marca o silêncio, é um intervalo entre dois instantes, um tempo a partir do qual surge uma palavra como lugar para um acontecimento psíquico. Sylvie Le Poulichet (1996) afirma que tudo devém e nada cessa pelo jogo de energia livre dos processos primários, e esse incessante movimento do corpo pulsional se encontra na linguagem. Com o advento da palavra na experiência analítica se produz uma descoberta que instaura um tempo de passagens presentes e vindouros como vias abertas a novas buscas.

Com a chegada da pandemia e as medidas de confinamento se perdeu o caráter presencial nos tratamentos, sedesbotaram os enquadres, ficaram em suspenseos debates sobre a possibilidade ou não da virtualidade; e os psicanalistas continuamos com nossa tarefa – cada qual como pôde – sustentados pela regra fundamental da associação livre, promovida por uma escuta atenta e igualmente flutuante. Nesta austeridade redescobri o valor e o poder transformador desses dois pilares que sustentam uma análise.

Referências

BRAUNSTEIN, Néstor Alberto (2001). Un recuerdo infantil de Julio Cortázar. In ÍDEM, *Ficcionario de Psicoanálisis*. Buenos Aires: Siglo XXI. pp. 1-6.

FREUD, Sigmund (1917/1994). Conferencias de introducción al psicoanálisis. 25° Conferencia. La angustia. In S. Freud, *Obras Completas*. 2. ed. Trad. J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu. vol. 16. pp. 357-374.

GOLDENBERG, Marta (7 de maio de 2020). Desafíos del psicoanálisis en tiempos de pandemia y distanciamiento. Entrevista disponível em <https://comercioyjusticia.info/blog/mundopsy/desafios-del-psicoanalisis-en-tiempos-de-pandemia-y-distanciamiento>. Acesso em: 7 set. 2020.

HARTMANN, Alicia (2015). "Tía... hay más luz cuando alguien habla". *Imago Agenda* (188), 18-23, 2015.

KOVADLOFF, Santiago (2011). *El silencio primordial*. Buenos Aires: Emecé.

LE POULICHET, Sylvie (1996). *La obra del tiempo en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.

MILLER, Jacques-Alain (2012). Inanidades sonoras. In ÍDEM, *La fuga del sentido*. Trad. S. Baudini. Buenos Aires: Paidós. pp. 71-98.

QUIGNARD, Pascal (2006). *El nombre en la punta de la lengua*. Madrid: Arena Libros.

[[Traduzido do espanhol por Walter Eduardo Lisboa]]